



Leonora Carrington e a Construção do México como *Lar* (1943-1963)

Palavras-Chave: Leonora Carrington; identidade mexicana; literatura

Autores:

Dara Monteiro Ramos (IFCH/UNICAMP)

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto – orientador (IFCH/UNICAMP)

INTRODUÇÃO:

Leonora Carrington (1917-2011) foi uma artista surrealista que produziu diversas e numerosas obras literárias e visuais. Embora pouco conhecida no âmbito internacional, suas esculturas delineiam a paisagem da capital do México, país que imigrou em 1943 e viveu por toda a sua vida desde então, construindo amizades, experiências e trabalhos artísticos. No entanto, historiadores como Ida Prampolini (1990), membra da Academia de Artes mexicana, apontam que Leonora Carrington não adota a cultura mexicana e esta não se apresenta em suas obras:

El grupo surrealista se mantuvo por varios años como una isla fascinante en el exilio interior y en un mundo aparte fuera del contexto mexicano. Este país al que amaron y entendieron no aparece en sus obras personales. Basta revisar la producción de dos mujeres pertenecientes a las filas del movimiento francés, como Remedios Varo y Leonora Carrington, con la obra de Frida Kahlo para constatar esta afirmación (PRAMPOLINI, 1990, p. 152).

Entretanto, acreditamos que afirmar a não-adoção da cultura mexicana ou ver o México como um simples refúgio apenas pelas pinturas de Carrington mostra ser uma visão incompleta por dois motivos principais. Primeiro, que cultura mexicana estamos nos referindo? Segundo, produções escritas e os vínculos sociais formados entre Carrington e outros artistas não foram considerados. Nesse sentido, através de análise de fontes e leituras historiográficas, argumentamos que Leonora Carrington se encontrou no México e construiu um *Lar*, o qual consiste, de acordo com a geógrafa Theano Terkenli, em “[...] *an expression of personal or group identity is geographically transportable in the human quest for a place in the world, a point of reference*” (1995, p. 327). Tão multidimensional e profundamente simbólico, para Terkenli, *Lar* não pode ser mapeado apenas como conceito espacial, mas pode ser também descrito como um aspecto do território emocional humano (1995).

Por fim, nosso objetivo é entender as particularidades culturais do México e a relação entre elas e a artista Leonora Carrington, as quais resultam na adoção do país como *Lar*. Durante a pesquisa, refletimos sobre o papel da rede intelectual de Carrington para o seu crescimento artístico e profissional no México, o contexto cultural mexicano nas obras de Carrington entre os anos 1950 e 1960, a importância da religião para Leonora viajar pelo México e fundir aspectos das tradições maias e astecas em religiosidades que já conhecia, como a bruxaria moderna e a mitologia celta e os aspectos das identidades mexicanas evidenciados em Carrington.

METODOLOGIA:

Para a realização da pesquisa, analisamos contos e peças teatrais de Leonora Carrington, como *Et in bellicus lunarum medicalis* e *La invención del mole*, ambos escritos em espanhol, publicados na revista *Snob* em 1962 e apresentam sátiras em torno da história e política mexicanas. O mural *El mundo mágico de los mayas* (1963), também produzido pela artista, relaciona-se com sua produção escrita e reflete seu conhecimento a respeito da religiosidade maia e a interseção desta com a sua espiritualidade. Escritos de companheiros próximos a Carrington, como Remedios Varo - *Carta 7. Al señor Gardner* -, serão utilizados para observarmos os múltiplos vínculos afetivos da



Figura 1 - *El mundo mágico de los mayas* (1963). Fonte: ABERTH, 2010, p. 101

artista, compreendendo-se como foram formados e o porquê estes são tão importantes para Leonora decidir permanecer no México.

Por último, as fontes serão analisadas sob o prisma da História Intelectual (MYERS, 2016) e da condição socioemocional do exilado, através de discussões propostas por Edward Said em *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios* (2003). Além disso, leituras a respeito das identidades culturais e nacionais foram necessárias para refletir as intenções políticas em torno das afirmações da não-mexicanidade de Carrington, como *Espejo Mexicano* (2002), de Enrique Florescano e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2019), de Stuart Hall.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O primeiro passo foi investigar os primeiros anos de Leonora Carrington no México. A artista teve dificuldades financeiras, faz poucas exposições, e permanece ligada majoritariamente a artistas que também migraram, como Kati Horna e Remédios Varo. A dificuldade inicial em criar laços com mexicanos se torna mais claro ao pensarmos nos debates construídos por Edward Said no livro *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios* (2003), em que o autor identifica a condição do imigrante como aquele que ver “todo o mundo como uma terra estrangeira” (2003, p. 59), coexistindo com a dor fantasma da perda e do lar, sendo essa tristeza insuperável. Nesse sentido, Carrington passa aproximadamente 10 anos imersa no grupo de artistas imigrantes, sentindo o isolamento e a falta de conexão com o novo país, características marcantes de imigrantes exilados.

Em anos posteriores, por outro lado, Carrington expande suas relações afetivas e passa a conviver também com artistas mexicanos, produzindo e trabalhando com estes. Um dos exemplos é a relação que Leonora manteve com o intelectual Octávio Paz, auxiliando-o a montar um grupo de teatro denominado *Poesía en voz alta*. O grupo teatral produziu oito programas ao todo, terminando em 1963, e contou com a participação de Carrington na criação do cenário e dos vestuários.

É possível observar um grande desenvolvimento das relações afetivas de Leonora durante os anos 1950. Primeiro, com Remédios Varo, visto que, através da *Carta 7. Al señor Gardner*, as duas artistas passaram horas estudando bruxaria e mitologia juntas. Segundo, com outras relações criadas no México, já que Carrington e Varo criam um grupo para estudarem “o verdadeiro exercício da bruxaria” e rochas vulcânicas em regiões interioranas do México, como é dito na carta. Além disso, essas relações influenciam Carrington e conhecer aspectos geográficos, históricos e culturais sobre o México. Afinal, o “verdadeiro exercício da bruxaria”, citado por Varo, relaciona-se a práticas indígenas existentes no território mexicano e o vulcão descrito na carta, como argumentado pela historiadora de arte Maria José Gonzalez Madrid (2013), assemelha-se a descrições do vulcão *El Parícutín*, localizado no estado de Michoacán (VARO apud CASTELLS, 2008, p. 83).

É com essas percepções religiosas em mente que Carrington decide estudar religiosidades maia e asteca. Além disso, o governo mexicano encomendou um mural para estar na entrada do Museu Nacional de Antropologia, inaugurado em 1964. A partir deste pedido e de seu interesse pessoal, Carrington faz uma viagem com a antropóloga suíça Gertrude Bloom para Chiapas em 1963 (MADRID, 2013). O mural *El mundo magico de los mayas* (1963) nasce a partir dessa viagem, detalhando a religiosidade maia a partir das concepções desta de submundo, Terra e elementos espirituais que vivem em ambos os mundos.

Ademais, durante o início dos anos 1960, Carrington se utiliza do passado mexicano para compreender o presente do país que morava há 20 anos, encontrando no *real maravilloso* e na ironia ferramentas para retratar o México. Carrington publica na revista *Snob* a peça de teatro *La invención del mole*, retratando uma conversa ficcional entre o arcebispo inglês de Canterbury e o rei asteca Montezuma, em que o arcebispo tenta de todas as formas converter o rei ao cristianismo. No entanto, o arcebispo está tão cego pela ideia de superioridade de sua religião, e tão concentrado em sua narrativa com o propósito único de convencimento, que ele não percebe que caíra em uma armadilha. No jogo de palavras “conversão” criado pela autora, Montezuma converte o arcebispo em “banquete”. Porém, utilizando de um humor sarcástico, os astecas presentes na narrativa descobrem que o arcebispo não cheira bem, e isto afetará o sabor da carne. Para resolver o problema, o cozinheiro imperial cria um tempero recheado de especiarias. Na versão da autora, esta seria a história da invenção do famoso molho *el mole*, tão consumido pela população mexicana.

Já em *Et in bellicus lunarum medicalis*, Carrington se volta ao tempo presente. Também publicado pela revista *Snob* em 1962, o conto nos apresenta uma notícia que choca o México. Após uma greve de médicos na Cidade do México, a Rússia decide doar uma equipe de ratos amestrados com experiência em cirurgia em humanos. Este evento peculiar faz com que ministros, médicos, banqueiros, sacerdotes e outros “políticos” se reúnam, decidindo por doar os ratos para a Associação Psicanalítica. No entanto, durante este tempo, um carregamento de armas aparece na fronteira para capturar os ratos e enviar para o Pentágono. Em um tom sarcástico e crítico, a autora nos apresenta uma série de personagens vistos como “influentes” na política e vida mexicanas, como médicos, ministros, psicanalistas e padres, mas que não sabem o que fazer diante de um presente vindo da Rússia soviética. Nesse ponto, é importante destacar que nos anos 1960 países latino-americanos estavam sendo pressionados pelos dois polos da Guerra Fria, tanto pelos Estados Unidos quanto pela União Soviética. Portanto, os ratos especialistas em cirurgias humanas vindos da Rússia não seriam meros presentes, mas símbolos de um jogo político internacional que afetaria a política mexicana. Publicado em 1962, o conto nos mostra uma versão de Leonora consciente dos conflitos internacionais e a atuação do México nestes.

CONCLUSÕES E NOVOS QUESTIONAMENTOS:

Neste sentido, apesar das dificuldades encontradas pela sua situação de imigrante, e os desgastes emocionais que a acompanharam, Leonora Carrington conseguiu se encontrar no México e construir um *Lar*. A “ilha fascinante em exílio interior” citada por Ida Prampolini (1990) não faz mais tanto sentido. Arriscaríamos afirmar ser uma península: está cercada por água em quase todos os lados, mas sempre há terra conectada ao continente. Negar a identidade mexicana na vida da artista e como aquela pode ter influenciado a sua arte é um equívoco que pode comprometer até mesmo os estudos sobre arte e identidade cultural mexicanas.

Outrossim, a produção de Prampolini e o tema da presente pesquisa suscitaram questionamentos e reflexões em torno do viés nacionalista da bibliografia citada e os possíveis usos políticos das identidades culturais mexicanas. Primeiro, que cultura mexicana Prampolini se refere? De acordo com Enrique Florescano (2002), os historiadores pós-Revolução Mexicana buscaram nesta as respostas para uma identidade comum mexicana. Esse esforço se traduziu em uma historiografia centralista e uniforme, que definiu os princípios nacionalistas da “Identidade Mexicana” e a exclusão daqueles que não nasceram no território da nação. A Revolução Mexicana se torna símbolo da identidade nacional no século XX, determinando quem é mexicano e quem não é. Portanto, Ida Prampolini e a Academia de Artes mexicana estão diretamente influenciados por um ideal específico e excludente de identidade nacional. Esta, para Stuart Hall (2019), seria a representação da cultura nacional: um discurso sobre os aspectos culturais e sociais da nação, os quais a sociedade pode se identificar, e a filiação política daquela. Partindo do pressuposto de que a nação é uma *comunidade imaginada* (ANDERSON *apud*

HALL, 2019), Hall argumenta que as nações modernas e sua cultura nacional foram construídas e se mantém a partir do poder, seja político, territorial ou cultural, exercido em outras nações ou em sua própria população – suprimindo, geralmente, minorias sociais. E, através desse poder, as culturas nacionais transformam as diferenças culturais em uma identidade cultural única: a identidade nacional.

Por conseguinte, chegamos à conclusão que não será possível encontrar o discurso da identidade nacional nas obras de Carrington - tal qual refletidas em obras de artistas como Frida Kahlo, José Clemente Orozco e Diego Rivera. Embasando o argumento, a doutora em literatura hispânica e inglesa Olga Ries comenta que não se pode afirmar uma ausência do México nas obras de Carrington, mas sim se pode falar de uma *negação* em participar do discurso oficial nacionalista, o qual exclui uma série de grupos sociais (2010). Dessa forma, embora a artista não tenha reproduzido o “contexto mexicano” definido por Prampolini (1990), a dinâmica da produção intelectual e artística de Leonora Carrington permitem uma leitura mais ampla da atuação desta, refletindo suas identificações com o México que os estudos anteriores não ousaram afirmar.

Por último, pretendemos, em uma futura pesquisa, aprofundar este debate, questionando o discurso da identidade nacional, que exclui figuras como Leonora Carrington e produzem violentas barreiras a diversidade e multiculturalidade das identidades mexicanas.

BIBLIOGRAFIA

- ABERTH, Susan L. The Alchemical Kitchen: At Home with Leonora Carrington. **Nierika - Revista de Estudios de Arte**, Departamento de Arte de la Universidad Iberoamericana, Cidade do México, n. 1, ano 1, p. 7-15, janeiro-junho, 2012.
- CARRINGTON, Leonora. **El mundo mágico de los mayas**. 1963. Pintura, têmpera em painéis côncavos de madeira, 213 x 417 cm.
- _____. “Et in bellicus lunarum medicalis”. In: AMARANTE, Dirce Waltrick do (org); SANTOS, Nora M. Basurto (org). *Leonora Carrington – Um conto de fadas mexicano e outras histórias*. São Paulo: Iluminuras, 2021.
- _____. “The Invention of Mole”. In: idem. *The Seventh Horse, and other tales*. Nova York: E. P. Dutton, 1988.
- VARO, Remedios. “Carta 7. Al señor Gardner”. In: CASTELLS, Isabel. *Remedios Varo: cartas, sueños y otros textos*. Cidade do México: Ediciones Era, 2008.
- FLORESCANO, Enrique (org). *Espejo Mexicano*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- MADRID, María José González. **Surrealismo y saberes mágicos em la obra de Remedios Varo**. 2013. Tese (doutorado em História da Arte) – programa de doutorado História de l’Art, Universitat de Barcelona, Barcelona.
- PRAMPOLINI, Ida Rodríguez. “Antecedentes del surrealismo en México”. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial UNESP, 1990, pp. 133-155.
- RIES, Olga. “El exilio y la política nacionalista mexicana - Remedios Varo, Leonora Carrington y el nacionalismo mexicano”. **Revista Izquierdas**, São Petersburgo, v. 3, n. 8, pp. 1-20, 2010.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- TERKENLI, Theano S. Home as region. **Geographical Review**, v. 85, n. 3, p. 324-34, 1995.